

# Práticas de leitura e suas representações: contribuições da biblioteca escolar

Reading practices and their representations: school library contributions

## Flávia Sardá Conceição

Mestre em Gestão de Unidades de Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bibliotecária na Prefeitura Municipal de Florianópolis.  
[flviasarda@bol.com.br](mailto:flviasarda@bol.com.br)

## Elisabete Costa da Silva

Mestre em Gestão de Unidades de Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).  
[betipimentinha2010@hotmail.com](mailto:betipimentinha2010@hotmail.com)

## Gisela Eggert Steindel

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Gestão da Informação, ambos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).  
[f9giza@gmail.com](mailto:f9giza@gmail.com)

## Tânia Regina da Rocha Unglaub

Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente no curso de Pedagogia EaD e no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, ambos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).  
[taniaunglaub@gmail.com](mailto:taniaunglaub@gmail.com)

## RESUMO

O artigo tem como objetivo discutir práticas de leitura e suas representações no âmbito educacional, analisando as contribuições das atividades de leitura realizadas na biblioteca escolar, no que tange, em especial, à prática da pesquisa escolar e o desenvolvimento da competência em informação dos educandos. Metodologicamente estuda-se um corpus bibliográfico revisando autores atentos à história da leitura e às práticas da pesquisa escolar, como Burke (2005), Castrillón (2011), Chartier (1990, 2001, 2003), Milanesi (2013), Pesavento (2005), Brisola e Romeiro (2018), Demo (2002), Garcez (2006), Gasque (2013), Kuhlthau (2010), entre outros. Esta literatura dialoga com exemplos do mundo empírico das ações que podem ser realizadas na biblioteca, trianguladas com atividades da sala de aula no incentivo ao gosto pela leitura, além de potencializar a prática da pesquisa escolar. A análise dos referenciais teóricos estudados aponta para relevância da biblioteca escolar como espaço de aprendizagem e sua primordial contribuição às práticas de leitura e de pesquisa escolar, esta última como fundamental para o desenvolvimento da competência em informação dos estudantes.

**Palavras-chave:** Práticas de leitura. Biblioteca escolar. Pesquisa escolar. Competência em informação.

## ABSTRACT

The article aims to discuss reading practices and their representations in the educational field, analyzing the contributions of reading activities carried out in the school library, with regard, in particular, to the practice of school research and to the development of information competence in learners. Methodologically, a bibliographic corpus is studied reviewing authors who are attentive to the history of reading and school research practices such as Burke (2005), Castrillón (2011), Chartier (1990, 2001, 2003), Milanesi (2013), Pesavento (2005), Brisola and Romeiro (2018), Demo (2002), Garcez (2006), Gasque (2013), Kuhlthau (2010), among others. This literature dialogues with examples from the empirical world of actions that can be carried out in the library, triangulated with classroom activities to encourage the appreciation for reading and consequently enhances the practice of school research. The analysis of the studied theoretical references points to the relevance of the school library as a learning space and its primary contribution to reading practices and school research. The latter is fundamental for the development of students' information competence.

**Keywords:** Reading practices. School library. School research. Information Competence.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo é discutido o tema das práticas de leitura e suas representações no contexto educacional, voltado especialmente ao espaço da biblioteca escolar. O interesse por essa temática surgiu ao participar das atividades da disciplina de Informação, Memória e Sociedade<sup>1</sup>, ministrada no curso de Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação, do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no ano de 2019.1. Nessas aulas, as práticas de leitura se interconectaram com literatura científica de outros campos de estudo tais como: Educação, História Cultural e Biblioteconomia, os quais também investigam e discutem este tema.

Apresenta-se como problemática norteadora: Como a biblioteca escolar pode contribuir na ampliação e qualificação das práticas de leitura dentro da escola? Em consonância com tal questionamento, objetiva-se discutir práticas de leitura e suas representações no âmbito educacional, analisando as contribuições das atividades de leitura realizadas na biblioteca escolar, no que tange, em especial, à prática da pesquisa escolar e o desenvolvimento da competência em informação dos educandos.

O estudo se vale de um *corpus* bibliográfico, base esta construída ao relacionar o conteúdo da disciplina com a temática das pesquisas em desenvolvimento pelas mestrandas. Dessa forma, a literatura proposta na disciplina traz reflexões com base em autores como: Burke (2005), Castrillón (2011), Chartier (1990, 2001, 2003), Milanesi (2013), Pesavento (2005), Brisola e Romeiro (2018), Demo (2002), Garcez (2006), Gasque (2013), Kuhlthau (2010), entre outros.

Parte-se da premissa de que a leitura é percebida como um construto social e, portanto, traz consigo uma carga cultural, em especial, suas representações e atribuição de significado nos diversos cenários sociais – família, escola, igreja, comunidade, política e economia (CHARTIER, 2001; CHARTIER *et al.*, 2001; CAVALLO; CHARTIER, 2002). Quanto à noção do termo “representação”, originado nos estudos da nova história cultural, Pesavento (2005, p. 39) entende que:

---

<sup>1</sup> Informação, Sociedade e Memória (3créditos). Ementa: Informação, sociedade e memória. Instituições de Memória. Memória e tecnologias da comunicação e informação. Patrimônio cultural e políticas da memória.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.

Assim, assume-se como importante abordar as práticas de leitura pelo viés histórico-cultural, uma vez que, para Chartier (2003), os indivíduos dão sentido a sua existência por meio das representações que vão construindo ao longo da sua história. Portanto, para compreender as práticas de leitura é necessário trazer os diferentes contextos históricos, nos quais elas foram consolidadas.

Da mesma forma, é pertinente analisar como as práticas de leitura se caracterizam no atual cenário educacional brasileiro. Sob esse prisma, a escola tem se firmado como um importante espaço de incentivo e promoção da leitura. Isso se dá por meio de programas federais, estaduais e municipais, além da iniciativa privada e organizações não governamentais. Ainda nessa perspectiva, a biblioteca escolar configura-se teoricamente como um lugar no qual são desenvolvidos projetos e atividades para que as práticas de leitura sejam consolidadas na comunidade escolar. Mediante esses pressupostos justifica-se a necessidade de abordar a respectiva temática no contexto educacional, em especial, no espaço da biblioteca escolar, e sua relação potencial com a prática da pesquisa escolar e a competência em informação.

No intuito de guiar o leitor, este artigo foi estruturado com as seguintes seções: introdução, na qual são abertas as discussões. Na primeira seção se apresenta uma conceituação sobre as práticas de leitura e suas representações sob a perspectiva dos autores supracitados. A segunda seção traça reflexões sobre o papel da biblioteca em relação às práticas de leitura, a partir de projetos literários e da pesquisa escolar – atividades fundamentais para o desenvolvimento da competência em informação. Finalmente, nas considerações apresentam-se reflexões sobre esse cenário analisado.

## **2 PRÁTICAS DE LEITURA: NOÇÕES CONCEITUAIS**

Quando se remete às práticas de leitura, tem-se como premissa que ler é uma habilidade linguística, tendo o leitor capacidade de decifrar símbolos e códigos da escrita. Entretanto, mais do que isso, ler é um ato que pressupõe a interação entre o leitor e um objeto. O ápice da interação ocorre quando o leitor ultrapassa o limite do

significado posto palavra por palavra, e torna-se capaz de extrair outros significados e constrói sentidos singulares do que lê.

Logo, ler é entrar em contato, buscar significado ao que é lido, seja quando se lê uma obra de arte, uma receita, uma notícia ou um livro de ficção; ler é buscar interpretação. Por isso, pode-se dizer que a leitura é pessoal, pois se interpreta com base na experiência vivida; dessa forma, cada leitor tem sua trajetória literária. Ao mesmo tempo, ler é um ato social, pois se cria uma interação com o outro, com o que se lê. Nas palavras de Castrillón (2011, p. 9): “ler é somar-se ao outro, é confrontar-se com a experiência que o outro nos certifica”.

A leitura e sua prática podem proporcionar aos indivíduos novos sentidos e significados, quando a realidade que os cerca se torna mais perceptível, assim como as relações com os outros e o lugar que ocupam na sociedade. Nesse sentido, a leitura passa a ter um papel social e transformador. Essas relações e construção de novos sentidos e significados podem ser expressas por meio das representações.

É a partir delas que a sociedade dá significado à realidade vivida, nas quais são estabelecidas relações entre o que foi vivenciado e o que o indivíduo percebe dessa vivência. Como afirma Chartier (2003, p. 18): “[...] não existe prática que não se articule sobre as representações pelas quais os indivíduos constroem o sentido de sua existência – um sentido inscrito nas palavras, nos gestos, nos ritos”. Essa produção de sentido se dá por meio da apropriação, a qual “[...] visa a elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os constroem.” (CHARTIER, 1995, p. 184).

Em consonância com tais noções conceituais, Burke (2005, p. 82) amplia esse entendimento quando relata que uma das formas mais populares da história das práticas culturais é a história da leitura. Nessa esteira, o autor também retoma a teoria cultural de Michel de Certeau quando este historiador “[...] enfatiza o novo foco sobre o papel do leitor, sobre mudanças nas práticas de leitura e nos usos culturais da imprensa” (BURKE, 2005, p. 82).

Dessa forma, para compreender as práticas de leitura atualmente, é necessário não esquecer a chave dos diferentes contextos históricos nos quais as suas representações foram construídas e firmadas. É importante destacar também, que no ocidente os assuntos de interesse e debate na história da leitura incluem três mudanças: da leitura em voz alta para a leitura silenciosa; da leitura em público para a leitura

reservada; e da leitura lenta e intensa para a leitura rápida (BURKE, 2005). Essas três mudanças evidenciam uma ruptura dos parâmetros até então seguidos nas práticas de leitura. Ou seja, enquanto a leitura em voz alta está sujeita a controle social, a leitura silenciosa cria condições para a particularização, a individualização do leitor; portanto, dá-se poder a esse novo protagonista (CHARTIER, 2001).

O invento da imprensa debitado principalmente a Johannes Gutenberg, no século XV, permitiu o aumento da produção editorial e o crescente número de livros; os leitores passaram a inventar, no sentido de fundar diferentes estilos de leitura dependendo do livro ou do momento, por exemplo: selecionar e/ou pular partes, consultar o sumário ou índice para obter informações de um livro, sem a necessidade de ler a obra do seu início ao fim (BURKE, 2005).

Além desses fatores, Chartier (1990) traz aspectos relevantes sobre as práticas de leituras. O autor revelou ser possível analisar, a partir das imagens pintadas em tela ou, ainda, cenas apresentadas pela literatura, os hábitos e práticas de leituras dos camponeses franceses a partir do século XVIII. Alguns desses camponeses contavam, através da escrita, recordações dos primeiros contatos com os livros (passavam o tempo desfrutando do prazer em ler os livros aos quais conseguiam ter acesso). O gosto pela leitura era incentivado por meio da biblioteca do padre da paróquia que emprestava os livros.

Chartier (1990) ainda relata que esses testemunhos eram raros e breves, e as histórias de vida não bastavam para reconstituir as práticas de leituras camponesas (da época). Era necessário, também, um conjunto documental para descrevê-las. Sob esse prisma, Chartier (1990) assinala a iniciativa do abade Gregório como sendo o inquérito mais antigo sobre as práticas culturais dos franceses, no qual os textos eram dirigidos ao padre em resposta às suas questões relativas aos costumes dos camponeses. Segundo Chartier (1990, p.146), os correspondentes de Gregório representavam as práticas de leituras por meio de relatos sobre os povos camponeses: “o amor pela leitura, a avidez de instrução pertence à sua natureza, mas tinham sido abafados pela sujeição cultural na qual era mantido”.

Naquele tempo, os camponeses tinham acesso aos livros emprestados das paróquias, o que limitava o tipo de literatura que poderiam ler. A maioria eram livros de horas (livro de orações) e de catecismos, livros de santos, obras de devoção e piedade, a

bíblia, alguns contos e coleções de livros de cordel<sup>2</sup>. A Igreja detinha o poder sobre o tipo de leitura dos camponeses, maneira pela qual poderia controlar e continuar a ter domínio sobre o povo.

Neste cenário, Chartier (1990, p. 155) observou em seus estudos que “[...] as leituras correntes das gentes dos campos são desqualificadas pelos que as relatam a Gregório, porque, longe de instruir e ajudar, de informar e de despertar, alimentam preconceitos e superstições bem vivos”. Tal reflexão está baseada nas práticas de leitura do século XVIII, na França, entretanto, percebe-se, também na contemporaneidade, as elites dominantes buscando impor suas ideologias sobre uma maioria desprovida de leitura. Por isso, políticas públicas de acesso ao livro e à leitura – como, por exemplo, o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) – são tão importantes, assim como as instituições, as bibliotecas escolares e bibliotecas públicas municipais e estaduais, além dos mediadores, pais e professores; dito de outro modo, a comunidade escolar, os atores que promovem e incentivam a leitura.

Nesta direção vale iluminar o papel das bibliotecas como instituições que dispõem e proporcionam acesso aos livros e os bibliotecários como mediadores e agentes sociais ativos desse processo. Além do acesso ao acervo e das práticas de leitura, existem bibliotecas que desenvolvem atividades culturais. Essa prática situa-se entre as ações que formam a trilogia essencial das bibliotecas públicas: informar, discutir a informação e criar novas informações (MILANESI, 2013). Ou seja, ao tecer suas considerações sobre a biblioteca, o autor sinaliza as funções sociais e políticas, não só desse espaço, como da leitura em si.

Ao encontro da trilogia abordada por Milanesi (2013), Castrillón (2011, p. 10) defende que “para que a biblioteca se faça local de informação, ela deve oferecer a seus usuários uma gama de atividades em torno da leitura”. A autora possui um discurso que preza pela apropriação da leitura por todos, ou seja, a biblioteca deve propiciar o acesso à leitura. Além disso, deixa claro o papel da escola em relação às práticas de leitura, ao sustentar que é “[...] para a educação que se deve dirigir a maior parte dos esforços e, que são as bibliotecas os meios para a democratização do acesso, desde que nelas se produzam, também, importantes transformações” (CASTRILLÓN, 2011, p. 22). Não

---

<sup>2</sup> Os livros (folhetos) de cordel eram publicações populares presentes na Europa, em especial na Espanha e Portugal, e que na França se propagaram com a Biblioteca Azul, em que os editores faziam circular livros baratos, impressos em grande quantidade e vendidos por ambulantes (CHARTIER, 2003).

somente na atualidade, mas nos contextos históricos mencionados, as práticas de leitura estiveram atreladas à escolarização e à educação formal. Contudo, foi a partir do século XX que tais discussões ganharam maior destaque.

Logo, é importante e necessário, no momento atual, verificar o papel exercido pela biblioteca escolar em relação às práticas de leitura. Como ela exerce suas funções educativas e sociais? Ou ainda, por meio de quais ações e atividades, a biblioteca contribui para as práticas leitoras dos educandos? Acredita-se que formas de trabalhar tais apontamentos possam ocorrer por meio de projetos literários e da pesquisa escolar, ações fundamentais para o desenvolvimento da competência em informação. Essas reflexões serão abordadas na próxima seção.

### **3 A BIBLIOTECA ESCOLAR E AS PRÁTICAS DE LEITURA**

A biblioteca escolar, além de ser pensada como um instrumento de apoio ao ensino e à aprendizagem; configura-se em “[...] um espaço social que potencializa o trabalho individual ou em grupo, a troca de informação, ideias e conhecimento. Nela também se realiza o processo de educação continuada. Ela é um espaço educativo promotor de cultura” (SILVA, 2020, p. 58), dinamizador e difusor do conhecimento.

A biblioteca tem como uma de suas funções: fornecer informações relevantes às necessidades dos estudantes, professores e comunidade escolar, colaborando nas atividades educativas. Mais do que isso, Bedin, Chagas e Sena (2015, p. 365) afirmam que é nela que se disponibiliza

[...] a informação capaz de promover o processo de aprendizagem nas crianças, não só para as pesquisas escolares, mas para a vida toda. É essencial destacar que a infância é o período apropriado para inserir as crianças na formação de cidadãos competentes no uso da informação e a biblioteca é o cenário ideal para iniciar estas atividades buscando a competência informacional.

Em conjunto com os propósitos de auxiliar e facilitar os processos de ensino e de aprendizagem, bem como de possibilitar “[...] o desenvolvimento de pessoas autônomas capazes de mudar as estruturas desiguais que as afastam das oportunidades” (SILVA, 2020, p. 62), os bibliotecários desempenham papel fundamental, uma vez que seu trabalho possui responsabilidade social: são eles os profissionais comprometidos com a formação integral dos sujeitos, colaborando “[...] com o acesso democrático aos recursos informacionais, incentivando o pensamento autônomo e reflexivo – ação esta essencial

para o exercício da cidadania na sociedade atual” (SILVA, 2020, p. 62). Além de atuarem como motivadores da leitura e no auxílio às pesquisas junto aos educandos.

Segundo o Manifesto da IFLA/UNESCO (1999, p. 1):

A biblioteca escolar (BE) propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

Portanto, no contexto educacional, para além do consagrado papel do professor, cabe aos bibliotecários também a função de promover a inclusão dos estudantes para que possam ter acesso a informações relevantes e de qualidade. Para isso, são necessárias ações que contribuam com essa inclusão e que desenvolvam nos estudantes habilidades e competências em lidar com a informação.

Nessa perspectiva, reafirma-se que o bibliotecário tem um papel educativo e social dentro das bibliotecas escolares com o intuito de: criar condições para o desenvolvimento de práticas de leitura; promover o acesso à informação aos educandos, orientando-os no processo da prática da pesquisa; e contribuir para que desenvolvam competências quanto ao uso consciente da informação podendo agir de forma ética e cidadã. Dito isso, no atual contexto designado como a “Era da Informação”, em que a informação se propaga e circula com muita rapidez, a ferramenta para a melhor aquisição do conhecimento é a Competência Crítica em Informação (BRISOLA; ROMEIRO, 2018).

Isso porque tem se notado que para os indivíduos se torna cada vez mais difícil identificar o que sejam notícias falsas e tendenciosas neste vasto universo de informações, pois, muitas vezes, há a manipulação e seu compartilhamento com o intuito de disseminar a inverdade e obter vantagem por parte de empresas, além de outros aspectos como, por exemplo, questões políticas. Logo, ter a habilidade de lidar com a informação de forma crítica se faz necessário para não se correr o risco de ser objeto de manipulação.

Brisola e Romeiro (2018, p. 70) comentam que, juntamente com essas habilidades, se deseja que:

os indivíduos, além de reconhecer sua necessidade de informação, buscar e acessar; distingam informações relevantes para seus interesses de boatos, *fake news*, distorções da informação etc. Estima-se que esta pessoa, munida de



Competência Crítica em Informação, entendendo esta competência como algo adquirido ao longo da vida, desenvolve uma resistência (política) baseada em uma leitura crítica ante a informação.

Na Era da Pós-Verdade<sup>3</sup>, surgem algumas reflexões em relação ao papel do bibliotecário na construção da cidadania na sociedade atual e de como formar estudantes críticos e bem informados em pleno auge da discussão sobre as *fake news*. Pois, dentro desse cenário, em que para muitos estudantes as redes sociais podem ser as únicas fontes de notícias e informações, torna-se pertinente levantar discussões sobre a velocidade com que se disseminam as notícias falsas e o impacto que causam na sociedade.

Essa situação traz consigo um grande desafio: educar para a democracia, para o respeito e o cultivo da verdade. A instituição escolar deve se preparar para abordar o assunto em sala de aula e na biblioteca. Nesse sentido, Garcez (2006, p. 205) afirma que “capacitar o aluno para que este passe a reconhecer e manusear as fontes de pesquisa, e conscientizá-lo sobre a importância da leitura para a compreensão e síntese das informações ali contidas, é papel da escola e da biblioteca escolar”.

Dessa forma, a leitura crítica e o estímulo à pesquisa devem ser desenvolvidos por meio de práticas promovidas por professores em conjunto com bibliotecários. Além disso, analisando os resultados do desempenho dos estudantes brasileiros no último exame do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), realizado em 2018, constatou-se que os resultados referentes aos indicadores de competência em leitura foram muito abaixo da média geral dos demais países. Entre os 79 países avaliados, o Brasil ocupa a 58ª posição no *ranking*, com 413 pontos, estando classificado no nível 2 da escala avaliativa utilizada (a escala vai até o nível 6)<sup>4</sup>.

O que chama mais a atenção é que as habilidades e competências nas quais os estudantes apresentam maior carência de domínio referem-se às **práticas de leitura informativa**. No nível 2, no qual o Brasil se enquadra,

os leitores conseguem identificar a ideia principal em um texto de tamanho moderado. Eles conseguem entender as relações ou interpretar o significado em uma parte específica do texto quando a informação não é destacada,

<sup>3</sup> A Pós-Verdade surgiu como uma tendência profundamente alarmante, em que o objetivo é desencadear emoção e não um debate baseado em evidências, sendo a pior resposta possível a passividade (D’ANCONA, 2018).

<sup>4</sup> Os dados compilados e analisados estão disponíveis em: [http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf). Acesso em: 12 jan. 2020.

produzindo inferências básicas [...]. Eles conseguem selecionar e acessar uma página em um conjunto com base em solicitações explícitas, embora às vezes complexas, e localizar uma ou mais informações com base em vários critérios parcialmente implícitos. Os leitores do Nível 2 conseguem, quando explicitamente informados, refletir sobre o objetivo geral, ou sobre o objetivo de detalhes específicos, em textos de tamanho moderado. Eles conseguem refletir sobre características visuais ou tipográficas simples. Eles conseguem comparar argumentação e avaliar os motivos que a sustentam com base em declarações breves e explícitas. (INEP, 2019, p. 68).

O que os estudantes conseguem, dentro desse nível, é reconhecer e interpretar estruturas textuais básicas. Por isso, a necessidade urgente da escola trabalhar com ações e projetos que viabilizem as condições para que os estudantes desenvolvam suas competências leitoras, não apenas no campo das leituras literárias, mas também, informativas ou de estudo. Dentro dessa perspectiva, a pesquisa escolar é considerada como uma importante ferramenta nesse trabalho com as práticas de leitura.

Nessa esteira, as proponentes deste artigo objetivam contribuir para o debate das práticas de leituras *versus* práticas da pesquisa escolar, narrando experiências de sua atuação como bibliotecárias escolares apoiadas com discussões teóricas realizadas no mestrado profissional aqui já anunciado. A título de esclarecimento ao leitor, primeiramente, elencam-se como exemplos do desenvolvimento de habilidades e de estímulo ao gosto pela leitura seis atividades de cunho literário que atendem todos os estudantes da educação básica: contação de histórias, mediação da leitura com o recurso do livro, *quiz* literário, clube da leitura com autores regionais, e rodas de leitura. Abaixo, seguem as descrições dessas práticas de leitura desenvolvidas nas bibliotecas.

**Quadro 1** – Práticas de leitura na biblioteca

<b>ATIVIDADE DINÂMICA</b>	
Contação de Histórias	A professora e/ou a bibliotecária seleciona uma história para contar com auxílio de fantoches e/ou de outros objetos como recursos teatrais para a interação com os estudantes.
Mediação da Leitura	A bibliotecária ou a professora escolhe um livro de literatura atrativo para a leitura em voz alta aos estudantes.
<i>Quiz</i> Literário	Após atividades de leitura com os estudantes, a professora, juntamente com a bibliotecária, organiza um <i>quiz</i> com perguntas referentes à obra.

Clube da Leitura	É selecionada a obra de algum autor regional; os estudantes realizam a leitura dessa obra; a professora em parceria com a bibliotecária promove, para os estudantes, atividades referentes à obra. Após as atividades é marcado um encontro com o autor da obra na biblioteca.
Rodas de Leitura	Os estudantes selecionam uma obra para ler, após a leitura é realizada na biblioteca uma roda literária, onde cada estudante compartilha com os demais sua experiência de leitura.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Além dessas atividades de **leitura literária**, buscam-se trazer, também, reflexões quanto às práticas de pesquisa escolar relacionadas à **leitura informativa**, por meio das experiências profissionais vivenciadas por uma das autoras que levaram à percepção da maneira como alguns professores auxiliam os estudantes em relação à prática da pesquisa na biblioteca em que atua. Espera-se que essas reflexões possam auxiliar na concepção de propostas metodológicas mais eficazes para que a pesquisa escolar seja desenvolvida de forma mais eficiente nas escolas, trazendo melhores resultados às ações da pesquisa escolar. Na sequência, são apresentados relatos de condução de práticas de pesquisa orientadas aos estudantes pelos professores nas disciplinas.

**Quadro 2** – Experiências de práticas de pesquisa escolar

<b>DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS DE PESQUISA NAS BIBLIOTECAS</b>
a) Os professores apenas determinam o que os estudantes vão pesquisar, indicando somente uma fonte de consulta;
b) Os docentes se dirigem até a biblioteca à procura de materiais que sejam pertinentes ao assunto proposto para ser trabalhado em sala, argumentando que a turma não consegue se comportar em outros espaços que não sejam os de sala de aula;
c) Os professores dividem a turma em equipes e distribuem tarefas para cada integrante de forma que, ao longo das pesquisas, ocorra a interação do grupo em virtude de algum fato curioso pertinente ao assunto trabalhado;
d) A maioria dos docentes passa o conteúdo em sala; depois, indicam a biblioteca para o aluno pesquisar no contraturno e solicitam que peçam orientação à bibliotecária. O estudante chega desorientado, sem ao menos ter entendimento do tema a ser pesquisado.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Em conversa com alguns professores, observou-se que a maioria não conhece nenhum método de pesquisa escolar; percebeu-se que as práticas de pesquisa que acontecem na biblioteca precisam ser repensadas para que o estudante possa ter

participação ativa no envolvimento com as atividades propostas na pesquisa, além de levá-lo a perceber que o conhecimento se adquire em um processo de construção o qual conduz para a mudança de atitude.

Diferentes metodologias são utilizadas para guiar a prática da pesquisa escolar; uma delas é a abordagem de Pedro Demo (2002), que apresenta estratégias que facilitem a capacidade de aprimorar os processos de ensino e de aprendizagem por meio da prática da pesquisa escolar. Nesse processo de pesquisa, o aluno deixa de ser objeto de ensino e passa a ser parceiro, sujeito ativo do seu próprio aprendizado. O professor orienta o aluno para expressar-se de maneira fundamentada, ou seja, exercitando o questionamento e a formulação própria, reconstruindo autores e teorias, tornando a pesquisa parte de seu cotidiano.

Ainda, conforme Demo (2002), os passos para uma pesquisa seguem três princípios/etapas:

1. Procurar materiais: estimular o aluno a buscar materiais e não aceitar receitas prontas dadas pelo professor;
2. Interpretação própria: compreender o sentido de um texto, saber fazer e refazer um texto, passando de leitor para autor;
3. Reconstrução do conhecimento: parte do senso comum do aluno, da sua experiência pessoal e do seu saber acumulado, da sua identidade cultural e histórica, na busca do questionamento reconstrutivo e da elaboração própria.

Outra metodologia de pesquisa a ser mencionada é aquela proposta por Kuhlthau (2010) que se sustenta pela chamada “abordagem baseada em processo”. Nessa concepção, a pesquisa escolar é entendida não apenas como a apresentação de um produto final pelo aluno, mas como um processo complexo e, em alguns momentos, conflituoso, dada a complexidade da aprendizagem mediante a busca e o uso da informação. Além disso, aborda aspectos cognitivos e afetivos do processo em vários estágios.

Para a autora, a metodologia consiste na orientação realizada pelo professor e pelo bibliotecário, com intuito de apoiar e mediar a aprendizagem dos estudantes ao longo de todo o processo, auxiliando-os no acesso, avaliação e utilização dos diversos recursos informacionais, em especial no que se refere à pesquisa escolar. A metodologia de Kuhlthau (2010) prevê sete estágios do processo de pesquisa:

1. Início do trabalho;

2. Seleção do assunto;
3. Exploração de informações;
4. Definição do foco;
5. Coleta de informações;
6. Preparação para a apresentação do trabalho escrito;
7. Avaliação do processo: avaliar o uso do tempo, das fontes de informação e refletir sobre a orientação do bibliotecário.

Esses sete estágios do processo de pesquisa envolvem tarefa, pensamentos, sentimentos, ações e estratégias. As estratégias de aprendizagem permitem os estudantes produzir conhecimento de forma investigativa e questionadora.

Além dessas metodologias apresentadas, existem outras que podem auxiliar na prática da pesquisa escolar e contribuir nos processos de ensino e aprendizagem dos estudantes e na sua formação como cidadãos.

Como pode ser observado, a biblioteca escolar, através de projetos literários e de pesquisa, surge como um valioso recurso educacional, promovendo as práticas de leitura tanto literária quanto informativa, colaborando no desenvolvimento das habilidades de leitura dos educandos. Tais habilidades constituem-se em uma característica necessária para que os sujeitos se tornem competentes informacionalmente. Ou seja, que consigam “[...] identificar a necessidade de informação, avaliá-la, buscá-la e usá-la eficaz e eficientemente, considerando os aspectos éticos, legais e econômicos” (GASQUE, 2013, p. 5).

Contudo, salienta-se que para essas práticas de leitura se firmarem dentro da escola, é essencial o trabalho coletivo, ou ainda, colaborativo entre biblioteca e sala de aula; somente assim, a pesquisa escolar poderá auxiliar o aluno no seu aprendizado pela e com a informação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame do corpus bibliográfico triangulado com as experiências de práticas de pesquisa escolar abordado neste artigo possibilitou expor um entendimento de que práticas de leitura apresentam importantes contribuições no desenvolvimento da sociedade, especialmente no *locus* da comunidade escolar. Por meio das representações e atribuição de significado, as práticas de leitura permeiam por diversos setores, em

especial, no contexto educacional.

Acredita-se que as práticas de leitura na escola são dispositivos qualitativos na (auto) formação do leitor(a). Ao mesmo tempo, observa-se a pertinência de envolver a prática da pesquisa escolar no cotidiano dos processos de ensino e de aprendizagem dos estudantes, favorecendo o seu desenvolvimento no tocante as suas habilidades leitoras; aspecto primordial para a formação do sujeito competente informacionalmente.

Contudo, é possível perceber que trabalhar criticamente com esses conceitos, ou seja, com a formação leitora e com a prática da pesquisa escolar é um desafio para os sujeitos mediadores do processo de ensino – professores e bibliotecários no sentido amplo da comunidade escolar. Por consequência, essa dificuldade é refletida na aprendizagem dos estudantes, os quais tendem a apresentar muitas dúvidas quando instigados a realizarem atividades com leituras informativas, em que necessitam habilidades de compreensão leitora mais crítica e interpretativa.

Portanto, acredita-se que a realização deste estudo adiciona aspectos relevantes para o aprofundamento de debates futuros em torno da temática das práticas de leitura e de pesquisa escolar no ambiente educativo, lugar onde a biblioteca fundamenta-se como um espaço potencial para a promoção dessas práticas em prol da competência em informação e a construção de uma cidadania plena.

## REFERÊNCIAS

BEDIN, Jéssica; SENA, Priscila Machado Borges; CHAGAS, Magda Teixeira. Biblioteca escolar: um ambiente para o desenvolvimento da competência informacional. *In*: BLATTMANN, Ursula; VIANNA, William Barbosa (org.). **Inovação em escolas com bibliotecas**. Florianópolis: Dois por quatro, 2016, p. 21-44.

BRISOLA, Anna Cristina; ROMEIRO, Nathália Lima. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 3, p. 68-87, set./dez. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1054/1054>. Acesso em: 22 jul. 2019.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

CHARTIER, Roger. "Cultura popular": revisando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>. Acesso em: 30 jul. 2020.

CHARTIER, Roger *et al.* **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fakenews*. Barueri: Faro editorial, 2018.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GARCEZ, Eliane. Orientação à pesquisa escolar aos alunos de 5ª série de escola pública estadual: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.11, n. 1, p.205-220, jan./jul. 2006. Disponível em: <http://revista.acb.org.br/racb/article/view/467/589>. Acesso em: 6 jan. 2019.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.atoz.ufpr.br>. Acesso em: 01 ago. 2019.

INEP. **Relatório Brasil no PISA 2018**. Brasília: INEP/MEC, 2019. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf). Acesso em: 12 jan. 2020.

KUHLTHAU, Carol. **Como orientar a pesquisa escolar**: estratégias para o processo de aprendizagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MANIFESTO da Biblioteca Escolar IFLA/UNESCO. 1999. Disponível em: <http://www.ifla.org.sg/VII/s11/pubs/portug.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

MILANESI, Luís. Biblioteca pública: do século XIX para o XXI. **Revista USP**, São Paulo, n. 97, p. 59-70, mar./maio 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/61685/64574/>. Acesso em: 22 jul. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Elisabete Costa da. **Formação continuada para o letramento informacional**: interação entre bibliotecários e professores. 2020. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação) – Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, PPGINFO/UDESC, Florianópolis, 2020. Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/faed/id\\_cpmenu/4780/Elisabete\\_Costa\\_da\\_Silva\\_Disserta\\_o\\_16256730063309\\_4780.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/4780/Elisabete_Costa_da_Silva_Disserta_o_16256730063309_4780.pdf). Acesso em 24 set. 2021.

Recebido em: 07 de setembro de 2020  
Aprovado em: 02 de novembro de 2021  
Publicado em: 19 de novembro de 2021